

Economistas criticam falta do ajuste fiscal

BRASÍLIA — A maior falha do Plano Haddad, na opinião de economistas ortodoxos especializados no acompanhamento das contas do Tesouro, é que ela não dá ênfase ao que eles consideram a única maneira de derrubar a inflação no Brasil: promover um ajuste fiscal que resulte num superávit primário (descontado o pagamento da dívida) de 3% do PIB durante vários anos seguidos.

Com isso, o Governo passa a dominar o combustível da inflação — a liquidez (volume de dinheiro em circulação). Com dinheiro sobrando, o Tesouro deixa de pressionar o mercado para vender títulos pelos quais paga juros altos. Além disso, é afetada a renda das empresas, que são obrigadas a baixar preços, e só resta aos trabalhadores a opção do desemprego se não aceitarem aumentos salariais menores.

O problema com essa estratégia, que deu certo no México, é que os políticos não têm paciência de esperar quase cinco anos para colher seus frutos. No caso de Itamar Franco, é pior: ele tem menos da metade desse prazo. Assim, seus aliados mais próximos tentam convencer economistas a acelerar o ritmo do programa e transformar o ajuste de elemento principal em acessório. Como observou ontem Paulo Haddad:

— Havia uma impaciência explicável do presidente em relação aos resultados. Mas para derrubar a inflação no Brasil em 30 ou 40 dias, só chamando um mágico.